

Lucas Elyseu Rocha Narcizo
Mendes

Mestrando em Geografia e Meio Ambiente -
PUCRJ.

Email: lucas.elyseu@gmail.com

A GEOPOLÍTICA POPULAR DE MARCELO D'SALETE COMO UMA FORMA DE SE PENSAR O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO DECOLONIAL

Resumo: História em quadrinhos como ferramenta de análise geográfica já que, como destaca Yi-Fu Tuan (1990), cada indivíduo possui e usa sua imaginação com intuito de realizar algum plano através de um “processo imaginativo ou criativo” (TUAN, 1990, p. 436). Uso do Giro Decolonial pelo fato de o mesmo trazer uma “reflexão sobre nossa memória, nosso imaginário, nossa subjetividade, nossas formas de existir cotidianas.” (CRUZ, 2017, p. 25), bem como a geopolítica popular, que entende que a produção do conhecimento não se limita apenas a um “ato privilegiado de interpretação acadêmica” (DOODS, 2002, p. 194). Tem por objetivo demonstrar que as histórias em quadrinhos podem contribuir para se pensar o conhecimento geográfico de forma decolonial por meio de uma perspectiva da geopolítica popular.

Palavras-chaves: História em quadrinho; Giro Decolonial; Geografia.

MARCELO D'SALETE'S POPULAR GEOPOLITICS AS A WAY TO THINK ABOUT GEOGRAPHICAL KNOWLEDGE “DECOLONIAL”

Abstract: Comics as a geographic analysis tool since, as highlighted by Yi-Fu Tuan (1990), each individual has and uses their imagination in order to carry out some plan through an “imaginative or creative process” (TUAN, 1990, p. 436). The Decolonial Gyre is also used because it brings a “reflection on our memory, our imagination, our subjectivity, our everyday ways of existing.” (CRUZ, 2017, p. 25), as well as popular geopolitics, which understands that the production of knowledge is not limited to a “privileged act of academic interpretation” (DOODS, 2002, p. 194). It aims to demonstrate that comic books can contribute to thinking geographical knowledge in a decolonial way through a popular geopolitical perspective.

Keywords: Story in comic; Decolonial Turn; Geographic.



1. INTRODUÇÃO

Ao usar a história em quadrinhos como ferramenta de análise geográfica, assume-se, como destacado por Yi-Fu Tuan (1990), que cada indivíduo possui e usa sua imaginação com intuito de realizar algum plano, no qual a capacidade de organizar os fatos é encarada como um “processo imaginativo ou criativo” (TUAN, 1990, p. 436), promovendo, ao mesmo, convidando a um deslocamento do pré-estabelecido em termos culturais já que promove um projeto intelectual-imaginativo.

Entretanto, como exposto por Dussel (1977), nos encontramos imersos em um sistema-mundo articulador de interesses que justificam a dominação do outro não moderno. Produzindo um conhecimento que se estrutura através da inter-relação para com a perpetuação de práticas e relações de poder coloniais.

Como forma de pensar um conhecimento geográfico exterior a esta inter-relação presente no processo criativo do conhecimento moderno Ocidental, iremos destacar o Giro Decolonial (QUIJANO, 2013; MALDONADO-TORRES, 2008), pois, permite uma reflexão acerca do desenvolvimento de “outras racionalidades, culturas, subjetividades e caminhos para o desenvolvimento da humanidade.” (BARROS, 2019, p. 43).

Posto isso, na primeira seção buscamos entender como a visão de mundo Moderna inter-relacionadas com as colonialidades citadas condiciona de maneira direta o desenvolvimento do conhecimento geográfico. No qual, na segunda seção, através de um diálogo entre o Giro Decolonial e a perspectiva crítica da geopolítica popular – que entende que o conhecimento não se limita apenas a um “ato privilegiado de interpretação acadêmica” (DOODS, 2002, p. 194) – trazer uma alternativa de se pensar o conhecimento geográfico decolonial. Para então, na terceira seção, através da exposição das histórias em quadrinhos “Cumbe” (2018) & “Angola Jonga” (2017), mostrar como as mesmas podem contribuir para se pensar o conhecimento geográfico de forma decolonial.

2. DECOLONIALIDADE: UMA CONTRANARRATIVA GEOGRÁFICA

Anteriormente à chegada do europeu e da criação da América Latina, a região “era habitada por vários povos com língua, vestuário e costumes diversos que haviam desenvolvido eficazes sistemas de comunicação e troca de pensamentos e produtos.” (CECEÑA, 2006, p. 223). Entretanto, como destacado por Dussel (1977) – com a chegada do europeu a partir de 1492 – há a exportação de suas relações de poder e a imposição da ideia de espaço enquanto campo de batalha.

Neste cenário, o conhecimento geográfico ganha relevância, pois, serve de suporte para instauração de um poder colonial estabelecido de vínculos, pondo-o – para Santos (2017) – a serviço de atores hegemônicos que estabelecem uma relação de apropriação para com as sociedades rotuladas não modernas com objetivo de condicionar suas ações, conhecimentos e posicionamentos no espaço. Relação, como apontado pelo autor, se constitui através da colonialidade, ou seja, da perpetuação das práticas e relações de poder que vê no outro um potencial exploratório. Destarte, devido à amplitude que envolve o conceito de colonialidade, destacaremos nesta seção a colonialidade do poder (QUIJANO, 2013), saber (BARROS, 2019) e ser (QUIJANO, 2000); por entender que a inter-relação das mesmas contribuem de forma direta na construção de um conhecimento geográfico moderno.

A colonialidade do poder, segundo Quijano (2013), se desenvolve através de práticas sociais desenvolvidas por um constructo ideológico colonial/moderno, cujo, o fenômeno do poder é caracterizado através da co-presença da dominação, exploração e conflito. Produzindo um saber (colonialidade do saber) situado em um contexto que expressa, segundo Barros (2019), um movimento de centralização e periferização dos saberes guiado por uma epistemologia de opressão criada por pensamentos coloniais referentes a “experiência vivida da colonização e seu impacto na linguagem.” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 130 *apud* BARROS, 2019, p. 40). Para então, condicionar o ser não moderno (colonialidade do



ser) à um processo que “refere-se ao processo pelo qual o senso comum e a tradição são marcados por dinâmicas de poder de carácter preferencial: discriminam pessoas e tomam por alvo determinadas comunidades.” (QUIJANO, 2000 apud MALDONADO-TORRES, 2008, p. 96).

Desta maneira, a inter-relação dessas colonialidades para com a produção do conhecimento, nos mostra que a colonialidade em si, não vem a ser o produto de um filósofo x, mas um “produto da modernidade/colonialidade na sua íntima relação com a colonialidade do poder, com a colonialidade do saber e com a própria colonialidade do ser.” (MALDONADO-TORRES, 2008, p. 89), que assume uma postura crítica frente ao conhecimento produzido através da inter-relação entre a colonialidade do poder, ser e saber. Crítica que tem como principal objetivo contribuir para o desenvolvimento de “outras racionalidades, culturas, subjetividades e caminhos para o desenvolvimento da humanidade.” (BARROS, 2019, p. 43).

Possibilitando, à análise geográfica uma compreensão das continuidades das formas de dominação como um processo fundamental:

[...] de estruturação do sistema-mundo moderno/colonial, que articula os lugares periféricos da divisão internacional do trabalho com a hierarquia étnico-racial global e com a inscrição de migrantes do Terceiro Mundo na hierarquia étnico-racial das cidades metropolitanas globais. (GROSFUGUEL, 2008, p. 126).

Posto isso, como destacado por Ivaldo Lima (2013), ao se pensar uma alternativa crítica para a construção do conhecimento geográfico, podemos analisar as formas pelas quais os atores políticos entendem e praticam a política em termos espaciais. Formas que são expostas através de conhecimentos exteriores a realidade imposta pela colonialidade, e, são construídas – como destacado por Sassen (2003) apud Lima (2013) – através de contranarrativas, ou seja, discursos construídos com objetivo de buscar modalidades de representação e práticas geopolíticas que permitam a aplicação de uma

imaginação geográfica construtora de novas espacialidades do político.

No entanto há de se ter em mente que cada lugar possui uma especificidade geográfica imersa em significados que definem e informam entendimentos geográficos sobre o mundo (LIMA, 2013). Construídos, como apontado por Cruz (2017), através de particularidades locais históricas carregadas de reflexões “sobre nossa memória, nosso imaginário, nossa subjetividade, nossas formas de existir cotidianas.” (CRUZ, 2017, p. 25).

Esta superação do conhecimento, proporcionará a compreensão do mundo através de um constante processo dialético que ultrapassa seus limites, e, se manifesta por meio de um discurso filosófico construído pela periferia e oprimidos manifestador de fenômenos que estabelecem mundos, que se realizam historicamente de forma a construir um modo de existência social, possuidor de um horizonte próprio, específico e alternativo (DUSSEL, 2016; QUIJANO, 2010). Possuidor de elementos que expõem visões de mundo situadas para além da moderna, e, fazem com que a produção do conhecimento geográfico seja um processo de “mútuo enriquecimento filosófico, que exige se situar eticamente, reconhecendo todas as comunidades filosóficas de outras tradições com iguais direitos de argumentação.” (DUSSEL, 2016, p. 173).

3. GEOPOLÍTICA POPULAR COMO UMA FORMA DE PENSAR O CONHECIMENTO DE GEOGRAFIA DECOLONIAL

Destarte, não podemos esquecer de destacar que o conhecimento geográfico também se fortalece através da “relação entre cultura popular e política, em diversas escalas espaciais” (DOODS, 2010, p. 114). No qual, suas imagens são constantemente usadas “para ilustrar uma análise geral ou usadas ocasionalmente para esclarecer questões específicas” (DOODS, 2002, p. 171), construindo uma visão de mundo que há de ser “uma forma de análise, [...] sensível ao contexto autoral e ao impacto do público, em vez de apenas mais um ato



privilegiado de interpretação acadêmica.” (DOODS, 2002, p. 194).

Esta forma de se pensar o discurso geopolítico, por meio da geopolítica popular¹, considera “a maneira pela qual as representações da política mundial circulam na cultura popular².” (DOODS, 2010, p. 114), desenvolvendo “uma geopolítica com um discurso localizado dentro de um nexos de poder e conhecimento.” (DOODS, 2010, p. 114), que permite encarar filmes, histórias em quadrinhos como fontes interpretativas de “representações geográficas e entendimentos da política mundial” (DOODS, 2010, p. 114-115), que “se referem a lugares específicos e a conjuntos espaciais inter-relacionados e organizados para a produção econômica e a reprodução social em uma dada formação social.” (CAIRO, 2008, p. 203).

Entretanto, é importante destacar que não devemos limitar a contribuição da geopolítica popular no que considera a mídia como forma de entender discursos e projetos de grupos hegemônicos da sociedade, mas é “necessário considerar uma variedade de formatos populares – filmes, histórias em quadrinhos e jornais [...] – ao analisar a formação da reprodução dessas culturas geopolíticas.” (HOLLAND, 2012, p. 107-108). Essa consideração se vê como necessária, pois, constroem uma visão de mundo que “perturba as narrativas dominantes que justificam visões hegemônicas e suas políticas resultantes. [...] desafia leitores e telespectadores a reconsiderar o script

dominante de eventos geopolíticos” (HOLLAND, 2012, p. 108).

Logo, a inter-relação entre a geopolítica popular para com o Giro Decolonial no processo de construção do conhecimento geográfico, permitirá reconhecê-lo “não apenas da visualidade da hegemonia, mas também da visualidade da resistência.” (HOLLAND, 2012, p. 108). Expondo “uma espécie de geopolítica cotidiana que está presente em uma variedade de mídias.” (HOLLAND, 2012, p. 109), fazendo com que o conhecimento geográfico seja construído também “por meio de uma variedade de formas visuais e textuais.” (HOLLAND, 2012, p. 111).

4. A GEOPOLÍTICA POPULAR DE “CUMBE” E “ANGOLA JANGA” COMO UMA ALTERNATIVA DE SE PENSAR O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO DECOLONIAL

Ao considerar as histórias em quadrinhos, como uma contranarrativa potente da geopolítica popular no processo de construção do conhecimento geográfico. Assume-se sua importância como “produtos culturais de oposição [...] que influenciam a percepção geopolítica [...] com formatos de resistência.” (HOLLAND, 2012, p. 111-112). Formato que se encontra presente nas obras do professor e quadrinista Marcelo D’Salete: “Cumbe” & “Angola Janga” (2017). Sendo a escolha dessas histórias justificadas pelo fato de trazerem consigo

¹ Por compreender que a geopolítica popular é um subconjunto da geopolítica crítica, iremos de maneira breve expor os outros subconjuntos que também fazem parte da perspectiva da geopolítica crítica. O primeiro, Geopolítica Formal, tem seu conhecimento sendo produzido por “visões e doutrinas de comportamento geopolítico produzidas por ‘intelectuais do Estado’, organizados em comunidades estatais ou interestatais [...] corpos acadêmicos universitários etc” (PRECIADO CORONADO, 2010, p.71). Por sua vez, a Geopolítica Prática, “se refere as narrativas, discursos políticos, e práticas diplomáticas exercidas por líderes de Estado no exercício e ação da política exterior [...] determinando os distintos códigos geopolíticos que estruturam

o sistema internacional.” (PRECIADO CORONADO, 2010, p.71).

² Entendendo a abrangência de significados que envolvem o conceito de cultura popular, se vê necessário apresentá-lo de forma a não fugir do objetivo do trabalho. Posto isso, podemos compreendê-la como “aquilo que é elaborado pelas classes populares e, em particular pela classe trabalhadora, segundo o que se faz no polo da dominação, ou seja, como repetição ou como contestação, dependendo das condições históricas e das formas de organização populares.” (CHAUI, 2008, p.59).



uma visão de mundo – dos negros habitantes dos quilombos na época do Brasil colonial – que se encontra exterior a visão de mundo imposta pelos colonizadores.

Entretanto, como podemos ver no fragmento a seguir:

A escravidão africana cresceu vertiginosamente na passagem do século XVI para o XVII. Na Capitania de Pernambuco, em 1570, havia 23 engenhos. Em 1583, eram 66 engenhos. Cerca de 4.000 africanos chegavam por ano trazidos pelos tumbeiros para Pernambuco na primeira metade do século XVII. Na segunda metade do mesmo século, esse número era de 8.000 pessoas por ano. Muitos morriam na desumana e infernal travessia. Essas pessoas eram trazidas dos antigos reinos da atual Angola, da República Democrática do Congo e proximidades. Os escravizados, tratados como coisas (peça-de-guiné, fôlego vivo etc.), trabalhavam, de modo contínuo e extenuante, de 12 a 16 horas por dia. Muitos morriam com menos de 20 anos. (D'SALETE, 2017, p. 9).

Em meio a esta realidade brutal, como destacado por Marcelo D'Salete (2018), inúmeros escravos fugiam para localidades como a Serra da Barriga, localizada no atual estado de Alagoas, correspondendo no final do século XVI e início do século XVII, à Capitania Geral de Pernambuco. Quando fugiam – como pode ser visto através de um fragmento de autoria presumida de João Fernandes Vieira no ano de 1677 – eram capazes de criar um espaço estruturado por uma visão de mundo exterior e alternativa à visão de mundo imposta pelo conhecimento moderno:

Neste Palmares em que assistem os negros há um lugar, a que chamam o outeiro da Barriga, que em algum tempo habitaram com

fortificações, que fizeram de estacadas e fossos para defenderem melhor a grande povoação que aí tinham com todas as conveniências e comodidades para seu sustento, porque os rios lhe davam peixe, os matos caça, os troncos mel e as palmeiras ramos com que cobrem as casas, como também das mesmas folhas fazem panos para se vestirem, além do sal, azeite e vinho, que a indústria humana soube tirar daquelas abundantíssimas e fertilíssimas árvores. Autoria presumida de João Fernandes Vieira, 1677. (D'SALETE, 2017, p. 56).

Entretanto, como pode ser visto na figura 3, esta fuga não era fácil, pois, junto à vontade de liberdade do negro escravo havia a proprietária vontade do senhor de escravo que contratava mestres do campo para caçar negros fugidos. Mestres que na figura 3 são representados como sombras, de quem foge, como texto presente no fragmento e, que representam os interesses obscuros dos grupos hegemônicos da época.

Assim sendo, o trabalho escravo era acompanhado de visões de mundo que impunham



Figura 1: Mestre de Campo. Fonte: D'SALETE, Marcelo, 2017, p. 28).

uma narrativa hegemônica, dada pela inter-relações entre as colonialidades citadas na primeira seção, que limitava seu agir e pensar na sociedade da época. Esta limitação pode ser vista na figura 3, quando negros fugidos

se questionam da maneira como são aprisionados na visão de mundo moderna; associando não só a religião a eles impostas como também a lógica de mercado da época a sua situação subordinada:

Frente a esta realidade material e simbólica imposta pela inter-relação entre as colonialidade do poder, ser & saber; temos a sequência de imagens da figura 3 mostrando que mesmo subalternizado, o negro, possuía uma



exterioridade esperançosa que o fazia buscar destemidamente por terras cujas “sementes de massango, guando e muito mais podem brotar e florescer” (D’SALETE, 2017, p. 197).

Posto isso, dentre as várias contranarrativas



Figura 2: Uma realidade imposta. Fonte: D’SALETE, Marcelo, 2017, p. 159.

existentes na época do Brasil colonial, o Mocambo Palmares “havia sido um grande acontecimento. Um dos principais conflitos do século XVII e do Brasil colonial. Mais do que isso, o maior levante escravo negro da América, comparável à Revolução Haitiana.” (D’SALETE, 2017, p. 419).

Assim sendo, é importante destacar que os Mocambos não se localizavam no espaço de forma a se isolar do mundo colonizado. Havia, muitas vezes, como é explicitado nas obras de Marcelo D’Salet (2017;2018), comunicação e trocas entre os negros dos mucambos e os colonos, que não só trocavam mantimentos como também “suprimentos estratégicos para a Serra, como pólvora e armas, os negros alevantados podiam ser avisados sobre futuros ataques dos luso-brasileiros.” (D’SALETE, 2017, p. 420-421).

Logo, podemos observar que as obras de Marcelo D’Salet; revelam uma construção do conhecimento a qual, de modo algum, pode ser considerada neutra. De maneira implícita ou explícita apresentam-se visões de mundo exteriores à visão imposta pelo conhecimento moderno. Visões carregadas de símbolos e significados que podem ser consideradas contranarrativas, pois, trazem consigo uma visão de mundo e de organização espacial que se distancia dos preceitos desse conhecimento. Permitindo-nos pensar um conhecimento de geografia que não só “analisa o conjunto de práticas que criam e reproduzem uma homogeneização histórico-espacial.” (PRECIADO CORONADO, 2010, p. 69). Como também:

[...] reconhece que existem práticas espaciais alternativas de conhecimento [...] que desafiam o raciocínio espacial dominante [...] [oferecendo] elementos epistemológicos [...] que não geram só uma busca pela reinterpretação explícita entre espaço e poder, mas uma demanda pela descolonização do pensamento e saberes que envolvem a compreensão do espaço (PRECIADO CORONADO, 2010, p. 70).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando analisadas pela ótica da geopolítica popular, através da inter-relação para com as ideias desenvolvidas pelo Giro Decolonial debatidas na primeira seção; as histórias em quadrinhos criam ações sequenciais inseridas em um tempo-espaço,



que ganham vida através da inter-relação entre a leitura das sequências de imagens e a compreensão da narrativa, que juntas produzem significados de forma a representar o sentido de determinado lugar (GOMES; GÓIS, 2008).



Figura 3: Sonho. Fonte: D'SALETE, Marcelo, 2017, p. 197.

Revelando espaços “em que podemos notar objetos e seus significados que remetem uma síntese espacial dos lugares representados, sejam eles ficcionais ou não” (MENDONÇA; REIS, 2016, p. 56). Permitindo, segundo os autores, que se reconstruam significados diversos reveladores de cenários e ações, que ressignificam lugares representados. Recriando assim o espaço geográfico como “cópias da realidade, uma vez que as representações não espelham o mundo, mas o criam [...] Representações, antes de qualquer coisa, expressam escolhas de princípios, de significação própria.” (MENDONÇA; REIS, 2016, p. 57-58).

Representações que auxiliam na construção de significados que são capazes de romper com o cotidiano “trazendo novas formas de relações para com um espaço, criando um novo sentido para o mesmo, como também uma lógica para o uso de seus objetos” (MENDONÇA; REIS, 2016, p. 58). Novas formas de relação e sentido no espaço, que puderam ser vistas na história em quadrinhos “Eles nos chamavam de inimigos”. Cujo através das narrativas de George Takei e arte de Harmony Becker, conceberam um espaço com uma dimensão que serve de instrumento “tanto de percepção como de compreensão do mundo em uma visão tridimensional, e não apenas como ilustrações” (MENDONÇA; REIS, 2016, p. 64).

REFERÊNCIAS

BARROS, João. Geopolítica del conociimiento: control de la subjetividade y del conocimiento en la descolonialidad epistémica. In: **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v.50, n.2, jul/out, 2019, p. 31-50.

CAIRO, Heriberto. **A América Latina no século XXI: geopolítica crítica dos Estados e os movimentos sociais, do conhecimento e representação**. Caderno CRH, Salvador, v.21, n.53, 2008, p. 201-206.

CECEÑA, Ana Esther. Uma versão mesoamericana da América Latina. In: NOVAES, Adauto (organizador). **Oito visões da América Latina**. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. Em: **Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciências Sociais**. Año 1, nº1, jun. Buenos Aires: CLASCO, 2008.

CRUZ, Valter do Carmo. Geografia e pensamento descolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. In: CRUZ, Valter do Carmo, OLIVEIRA, Denílson Araújo de. **Geografia e giro descolonial: experiências, idéias**



e horizontes de renovação do pensamento crítico. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

DODDS, Klaus. Enframing Bosnia: the geopolitical iconography of Steve Bell In: **Rethinking Geopolitics**. Edited by Gearóid Ó Tuathail and Simon Dalby. Taylor&Francis e-Library, 2002, p. 170-198.

DOODS, Klaus. Popular geopolitics and cartoons: representing power relations, repetition and resistance. In: **Critical African Studies**, Issue 4, December 2010, p. 113-131.

D'SALETE, Marcelo. **Angola Janga**: uma história de Palmares. São Paulo: Veneta, 2017.

D'SALETE, Marcelo. **Cumbe**. São Paulo: Veneta, 2018.

DUSSEL, Enrique D. **Filosofia da libertação na América latina**. 2. ed. São Paulo: Loyola. Piracicaba: UNIMEP (co-edição), 1977.

DUSSEL, Enrique D. Paulo de Tarso na filosofia política atual e outros ensaios. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi. In: **Coleção Novos caminhos da teologia**. São Paulo: Paulus, 2016.

FERREIRA, J. Flávio; CARLET, Flávia. Colonialidade, subalternidade e narrativas de resistência numa comunidade afro-equatoriana. Ver. In: **Direito e Práx** – Rio de Janeiro, v.8, n.3, 2017, p. 1909-1974.

GOMES, Paulo César da Costa; DE GÓIS, Marcos Paulo Ferreira. A cidade em quadrinhos: elementos para a análise da espacialidade nas histórias em quadrinhos. In: **Revista Cidades**, Presidente Prudente - São Paulo, v. 5, n. 7, jul/dez, 2008.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: **Revista crítica de ciências sociais**, 80, mar. 2008.

HOLLAND, Edward C. “**To think and imagine and see differently**”: popular geopolitics, graphic narrative, and Joe Sacco’s “Chechen war, chechen women.”. Copyright Taylor & Francis Group, LLC, *Geopolitics*, 17: 105-129; 2012.

LIMA,IVALDO. A Geografia e o Resgate da Antigeopolítica. In: **Revista Espaço Aberto**, PPGG – UFRJ, v. 3, n. 2, p. 149-168, 2013.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 80, março 2008, p. 74-114.

MENDONÇA, Márcio José; REIS, Luis Carlos Tosta. Percepção do espaço geográfico nos quadrinhos. In: **Revista 9ª Arte**, São Paulo, vol. 5, n. 2, 2º sem. 2016.

TUATHAIL, Gearóid Ó. At the end of geopolitics? Reflections on a plural problematic at the century’s end. In: **Alternatives**, n. 22, p. 35-55, 1997.

PRECIADO CORONADO, Jaime; UC Pablo. La construcción de una geopolítica crítica desde América Latina y el Caribe. Hacia una agenda de investigación regional. In: **Geopolítica(s)**, n. 1, v. 1, 2010, p. 65-94.

QUIJANO, Aníbal. O que é essa tal de raça? In: **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: O negro na Geografia do Brasil/ Renato Emerson dos Santos (Organizador)**. Coleção Cultura Negra e identidades 3. ed., ver., ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

PRECIADO CORONADO, Jaime; UC Pablo. La construcción de una geopolítica crítica desde América Latina y el Caribe. Hacia una agenda de investigación regional. In: **Geopolítica(s)**, n.1, v.1, 2010, p.65-94.

SANTOS, Renato Emerson dos. Falando de colonialidade no Ensino de Geografia. In: PORTUGAL, Jussara Fraga (organizadora).



Educação geográfica: temas contemporâneos.
Salvador: EDUFBA, 2017.

SILVA, Anaxsuell Fernando; PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. Colonialidade do crer, do saber e do sentir: apontamentos para um debate epistemológico a partir do sul e com o sul. In: **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 50, n. 2, jul/out, 2019, p. 15-30.

TUAN, Yi-Fu. Realism and Fantasy in Art, History, and Geography. In: **Annals of the Association of Geographers**, vol. 80, n° 3, sep/1990, p. 435-446.

Como citar este artigo:

MENDES, Lucas Elyseu Rocha Narcizo. A geopolítica popular de Marcelo D'Saete como uma forma de se pensar o conhecimento geográfico decolonial. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v. 3, n. 5, p. 14-22, jan.jun. 2021.